

Muito conforto para poucos

Dante Accioly
Sibele Negromonte
Da equipe do **Correio**

Ela não precisa de mais nada. Acorda cedo e antes das sete está na rua para a tradicional caminhada. Anda oito quilômetros pelos bosques floridos da quadra. Com disposição de atleta, corre até o clube da vizinhança. Toma sol, conversa com amigos e vai às compras à tarde. Quando o supermercado da rua não tem o que precisa, recorre às lojinhas do comércio local. Volta para casa e vai à missa na igreja Nossa Senhora de Fátima. Tudo isso a pé. Tudo no conjunto de quadras onde vive há 30 anos.

A aposentada Noilda Ribeiro mora no sexto andar de um bloco da 308 Sul. A quadra forma — ao lado da 307, 108 e 107 Sul — o exemplo solitário de um conjunto arquitetônico planejado pelo urbanista Lúcio Costa. Um lugar onde os moradores podem ter acesso a serviços básicos — como educação, lazer, abastecimento e cultura — sem sair de perto de casa. Um lugar que não existe em outro ponto do Plano Piloto.

Ao projetar Brasília, Lúcio Costa imaginou que cada conjunto de quatro superquadras formaria uma espécie de pequena cidade — onde todas as necessidades básicas do morador poderiam ser atendidas. As chamadas unidades de vizinhança abrigariam escolas, postos de saúde e policial, comércio, biblioteca, clube, igreja e um centro cultural (cinema ou teatro).

“A idéia de Lúcio Costa era dar boa qualidade de vida ao morador. Criar harmonia entre vizinhos”, explica a gerente executiva de Brasília no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Thayz Zugliani. A concepção inicial acabou desvirtuada e apenas o conjunto de quadras da Asa Sul conseguiu implantar o projeto em sua totalidade.

A maioria da população desconhece a concepção original e muitos moradores das quadras 107, 108, 307 e 308 Sul não sabem que vivem em uma área modelo de Brasília. Para reverter a situação, o Iphan e o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (Depha) desenvolvem projeto para conscientizar a vizinhança

Fotos: Nehil Hamilton



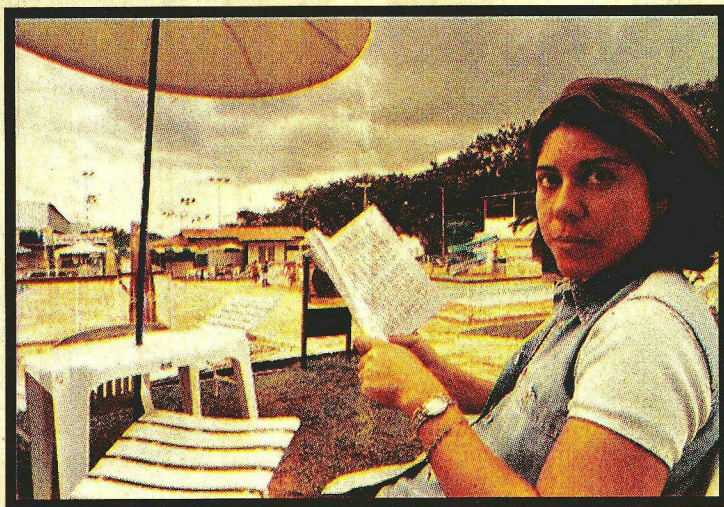
LÚCIO COSTA QUERIA QUE A UNIDADE DE VIZINHANÇA FOSSE UMA ESPÉCIE DE PEQUENA CIDADE, COM ESPAÇO PARA ABRIGAR UMA VARIEDADE DE SERVIÇOS

sobre a importância de se viver naquela área.

O projeto, em fase de conclusão, já revela o que os moradores pensam sobre a idéia de Lúcio Costa. “A maioria da população se identifica, gosta e valoriza o fato de viver na unidade de vizinhança. O trabalho vai ajudar a definir critérios mais claros para preservar espaços tombados. É uma espécie de plano diretor local para os moradores discutirem, com técnicos, problemas e vantagens do projeto.”, explica Sandra Bernardes Vieira, arquiteta da gerência executiva de Brasília no Iphan. Ela é uma das especialistas responsáveis pelo trabalho.

QUESTIONÁRIOS

A pesquisa foi lançada em 1999 com uma exposição de fotos, traçados e explicações sobre o tombamento da cidade. “Distribuímos sete tipos de questionários entre moradores, prefeitos de quadra, síndicos, comerciantes, diretores de escolas, do clube e do cinema.



MÁRCIA APROVEITA PARA LER, ENQUANTO OS FILHOS PRATICAM ESPORTE

Recebemos 200 respostas, que foram passadas para o computador e tabuladas”, explica Sandra Vieira.

O projeto, por problemas administrativos e financeiros, precisou ser temporariamente paralisado. Na próxima etapa, ainda sem data para começar, o Iphan e o Depha pretendem gra-

var depoimentos dos moradores em vídeo e consolidar as conclusões da pesquisa.

Se depender de Wagner Costa, o trabalho do Iphan e do Depha vai demonstrar o óbvio. “A gente sente prazer em viver aqui”. Ele é diretor do Clube Vizinhança — inaugurado em abril de 1961. O lugar é o princi-

pal ponto de encontro dos moradores da área e faz parte do patrimônio afetivo de quem mora por ali.

Wagner Costa tem 54 anos e frequenta piscinas, quadras e gramados do Vizinhança desde a inauguração. Vai para o clube a pé. Chega mais rápido assim. “A comodidade é muito importante. O clube é uma espécie de quintal de casa para o pessoal das quadras mais próximas”, explica.

Quem não perde uma tarde sob os guarda-sóis do clube é a empresária Márcia Correa, de 37 anos. Quatro vezes por semana leva os filhos às aulas de natação e futebol. Enquanto os garotos batem pernas e braços, a mãe aproveita o tempo livre para ler.

Márcia mora com a família num apartamento da 307 Sul. Mudou-se de Taguatinga há seis anos e não reclama da troca. “Caí aqui por acaso, mas não me arrependo. Não tenho necessidade de sair para longe de casa. Encontro quase tudo que preciso”.

Faltam 58 unidades

Se a idéia de Lúcio Costa tivesse sido executada, Brasília teria outras 59 unidades de vizinhança. As explicações para o fato de as outras quadras não terem conseguido implantar o projeto em sua totalidade são muitas. Mas uma é consenso entre os especialistas: o conjunto formado pela 107, 108, 307 e 308 Sul foi implantado no início da construção da cidade. “Quem se apropriou de Brasília depois disso trouxe a cultura de outra cidade, completamente diferente da que previa o projeto”, diz Thayz Zugliani.

A arquiteta Sandra Vieira ressalta que também faltaram recursos públicos para a implantação total do projeto. “Vieram os gastos com a infra-estrutura da cidade. As satélites, que não eram previstas em

um primeiro momento, começaram a surgir e demandaram outros investimentos”, explica.

Na concepção original, cada unidade de vizinhança deveria contar com espaços reservados para abrigar uma variedade de serviços. Em algumas quadras, ainda existem lotes disponíveis para sediar a igreja, o clube, o cinema e as escolas. Em outras, os lotes tiveram a finalidade alterada. “A continuidade do projeto inicial depende da política do governo e da pressão que a comunidade exerce”, conclui Sandra Vieira.

Exemplo disso foi o que aconteceu recentemente na 206 Sul. A população conseguiu a aprovação de projeto, pela Câmara Distrital, para construir um clube de vizinhança.

“A MAIORIA DA POPULAÇÃO SE IDENTIFICA, GOSTA E VALORIZA O FATO DE VIVER NA UNIDADE DE VIZINHANÇA”

SANDRA BERNARDES VIEIRA,
arquiteta da gerência executiva de Brasília,
no Iphan

“A IDÉIA DE LÚCIO COSTA ERA DAR BOA QUALIDADE DE VIDA AO MORADOR. CRIAR HARMONIA ENTRE VIZINHOS”

THAYZ ZUGLIANI,
gerente executiva de Brasília no Iphan

Escola para moradores

As unidades de vizinhança tinham como base a escola. Em cada quadra deveria existir um jardim da infância, para abrigar a criança até a 4ª série do ensino fundamental. Seria uma forma de manter filhos próximos das mães. Depois, a criança passaria a frequentar a Escola Parque — construída na entrequadra para receber alunos de 5ª a 8ª séries. “A criança teria de caminhar um pouco mais e ganharia liberdade aos poucos”, diz a arquiteta Sandra Vieira.

Somente depois de aprovado para o ensino médio, o estudante teria condições de pegar ônibus e frequentar um colégio longe do ambiente familiar. O problema, lembra Sandra Vieira, é que com a falência do ensino público muitos pais preferiram matricular os filhos em escolas privadas, implantadas em vias não imaginadas por Lúcio Costa.

É o caso do aposentado Joaquim Rocha, 73 anos. Ele mora num apartamento da 107 Sul e tem um filho de 11 anos. O garoto bem que poderia estudar no Centro de Ensino Fundamental 2, na quadra onde mora. Na porta de casa. Mas o aposentado preferiu matricular o menino num colégio particular da 912 Sul. E ele não é o único. O Centro de Ensino da 107 Sul oferece 700 vagas por ano, mas apenas 210 alunos (30%) moram perto da escola pública. “A vizinhança tem boa condição financeira. Apesar de sermos referência no ensino, os pais preferem as escolas privadas”, lamenta a vice-diretora Vanise Perciani, de 33 anos.

Resultado. A escola, que segundo o plano original deveria atender à molecada da redondeza, recebe garotos de quase todo o DF. São alunos da Asa Norte, Cruzeiro, Taguatinga, Ceilândia, Recanto das Emas, Valparaíso e Setor de Mansões Park Way.